

Recuperação e desenvolvimento do Vale do Rio Branco

ARAÚJO CAVALCANTI

(Comentário do Prof. Djacir Menezes, da Faculdade Nacional de Filosofia)

“Recuperação e Desenvolvimento do Vale do Rio Branco”, de autoria do Sr. ARAÚJO CAVALCANTI, não é uma apologética do decreto que instituiu os territórios federais: poder-se-ia antes dizer, um requisitório patriótico (no sentido sadio da palavra) contra o abandono das populações e contra a estupidez econômica que tem permitido deixar ao desamparo tantas riquezas, tantas matérias primas ao léu, enquanto imperialismos mundiais rondam e rosnam, já armados de bombas atômicas, à cata de presas colônias...

Porque nos põe diante dos olhos o documentário vivo — fotografias, estatísticas, mapas regionais, dados minuciosos, colhidos pelo autor, em pesquisas diretas e locais, num exame que lhe testifica a honestidade profissional e a consciência de brasileiro. E justamente numa época e numa hora em que ressoam tantos programas e tantas sonoridades a serviço do curandeirismo político, que vem de longe, — êsse requisitório aponta-nos, com objetividade, o que está por traz da fachada civilizada do país, — as enormes reservas que rodeiam êsses quarenta milhões de “mendigos fartos”, na expressão fustigante de Euclides da Cunha. Resumamos: — um povo opulentamente miserável.

“Nunca houve, na Amazônia, tentativas de exploração racional das dádivas da Natureza. Em pleno século XX, o quadro é ainda o mesmo... O govêrno até hoje nada fez para acautelar os sombrios dias do futuro. A destruição da floresta e da fauna, cada dia vencido, torna mais difícil o trabalho humano; afastemo-nos, de um modo assustador, da concorrência, no mundo comercial, pelo preço, em épocas normais” (p. 83).

Não se processou a ocupação da terra — mas a exploração momentânea, em consequência da alta de certos produtos no mercado internacional, — ranchos efêmeros que não logram abrir as selvas à economia organizada.

Mas por que? Por que tanta terra fértil — dizem, ingenuamente, ingênuos cheios de ingenuidade — e o homem teima em procurar a cidade? — Bem sabemos que a pergunta é feita por ingênuos, mas é também para êles, que são a maioria dos repetidores de idéias feitas, com ares de reflexão, que êste livro foi escrito.

Todo mundo sabe — menos êsses querubins — que não adianta ir morrer de fome lá nas brenhas — se o programa de penetração não contar com a assistência efetiva e racional do poder público. As populações rurais, verminosadas, debilitadas, na miséria orgânica e na decadência, não chegaram a êsse estado em consequência de raças e da miscigenação. São apenas produtos da ausência de educação e de assistência social. E’ o que nos diz há tempos o grande mestre Roquette Pinto: não há problemas

antropológicos, mas apenas educativos e sociais. Não são males do homem, mas de organização política.

Vejam os.

Que foi encontrar o Sr. Araújo Cavalcanti, lá nas extremas esquecidas do setentrião, que determinasse a falência daqueles grupos humanos, que não se desenvolvem, não ampliam quadros institucionais, não vigorizam mais núcleos, criando novos contingentes de riquezas pelo trabalho, única fonte geradora da força dos povos?

A causa é social por excelência — e está nas condições materiais de vida, — nas “comunidades abandonadas pelos poderes públicos à voracidade e cobiça dos mais torpes exploradores”. Os preços são elevados pela “ganância espantosa dos intermediários que querem enriquecer depressa e são, na maioria dos casos, parasitas sociais da pior espécie. Trata-se de uma praga tipicamente nacional...” (ps. 69-70). Isso merecia gravar-se no portico dos Ministérios do Trabalho, da Fazenda e da Agricultura.

Eis porque um *Plano Quinquenal Territorial* seria indispensável:

“Daí a importância visceral de planos de ação realistas, práticos, absolutamente exequíveis, sobretudo concebidos em função das necessidades imediatas e remotas do Território.

“Administração territorial exige, indiscutivelmente, planejamento, hierarquia e solução gradual dos problemas básicos.

“A recuperação e o desenvolvimento do Território dependem da prática de uma técnica racional de administração; há necessidade de realismo, precisão, arrojo de iniciativas, honestidade e a coragem da ação sumária, sem delongas emperradoras.

“Não basta, porém, organizar planos; êles devem ser elásticos por causa da imprevisibilidade de determinados fatores e — o que é tudo — devem ser, realmente, postos em prática”.

E verifica-se isso exatamente quando todos estudiosos da economia, *una voce*, concordam agora nessa verdade elementar — a de é o homem o fator da riqueza por excelência, — personificando o elemento ativo e criador que tôdas as legislações sociais do mundo civilizado procuram defender e garantir contra tôdas as explorações.

Mas o de que trata o livro do Sr. Araújo Cavalcanti é da solução prática de organizar o Território, criando, por meio de núcleo administrativo peculiar, e de recursos financeiros e técnicos adequados, a entidade constitutiva própria dentro do nosso quadro constitucional capaz de assimilar as forças naturais e humanas até então à margem da vida nacional.

Sugere então o autor:

— Os Territórios apresentam uma excelente oportunidade para experimentação administrativa pela adoção de idéias modernas sôbre :

- planejamento;
- contínua revisão e adaptação de planos;
- análise das condições em que se encontram as comunidades (Knowledge is power);
- treinamento objetivo de administradores fora das salas das bibliotecas e conhecedores práticos das nossas realidades;
- utilização de engenheiros, economistas, técnicos de administração, pedagogos, agrônomos, sociólogos, etc., na constituição do corpo de homens de que precisamos no Serviço Público: homens experientes, dotados de horizontes amplos, com a compreensão das muitas forças em jogo — realistas honestos, de imaginação criadora e capacidade de trabalho”.

Essa atividade extrativa, que vai depredando riquezas e não arraiga populações em centros ativos de produtividade, agrava-se ainda mais pela deficiência de transportes, ausência do crédito, desconhecimento científico das questões nacionais e a visão dos meios adequados ao encaminhamento simples e prático das soluções.

Nesse sentido, o autor fez um esforço sincero, direto, pragmático, olhando objetivamente o Vale do Rio Branco e procurando, com documentos locais e observação local, conjugar os dados necessários ao estudo honesto que se propôs.

Claro que se poderia indicar senões no seu trabalho: sente-se certa pressa nos diagnósticos, uma impaciência juvenil de solucionar, no mesmo volume, tôda uma variedade enorme de problemas-administrativos, sanitários, econômicos, financeiros, educacionais, políticos, etc. Mas ainda nesse passo sabemos ver e admirar o seu ardor construtivo através do vigor de sua argumentação. Jamais perdeu de vista o objetivo visado, na sua qualidade de técnico de administração dotado de um vivo espírito de iniciativa. Escreveu uma obra que é um belo sintoma: o de que se cerrou para sempre os velhos “porque — meufanismos” teóricos, cobrindo “misérrimas realidades com devaneios líricos” — como dizia Alberto Torres. E começou o tempo de ver objetivamente as realidades brasileiras. Só êsses merecerão a consideração dos que estudam.

INDICAÇÕES

THE PSYCHOLOGY OF PERSONNEL —
HENRY BEAUMONT — Longmans, Green & Co.,
Inc. — Nova York — 1945 — 310 págs. —
\$ 2.75.

O Sr. Henry Beaumont, Diretor do Bureau de Psicologia Industrial da Universidade de Kentucky e Consultor de Psicologia de Pessoal, junto a diversas organizações, tais como *Lexington Telefone, Cluet Peabody* (Camisas Arrow), *Archer & Smith* (ferramentas de corte), e *Spalding*

Laundry & Dry Cleaning, acaba de publicar o livro intitulado “*The Psychology of Personnel*”, no qual oferece um relato sistematizado das contribuições mais importantes que a Psicologia vem fazendo aos problemas da administração de pessoal. Além disso, apresenta informações acêrca dos métodos e diretrizes que proporcionaram resultados práticos à *Anaconda Copper, Crosley, Ford, Greyhound Lines, R. H. Macy, Merck, National Acme, Westinghouse Electric, Wright Aeronautical* e muitas outras importantes companhias norte-americanas.

HUMAN RELATIONS IN INDUSTRY —
B. B. GARDNER — Richard D. Irwin, Inc. —
Chicago — 1945 — 307 págs. — \$ 3.00.

Comentário de Harold B. Baker:

Êste é um dos livros resultantes dos estudos que fizeram época em matéria de relações de pessoal na Oficina Hawthorne da *Western Electric*. O Dr. Gardner reuniu muitos elementos dispersos em maços de relatórios sôbre êsse gênero de pesquisa, acrescentando-lhes novas observações que resultaram de sua própria investigação em outras oficinas, a fim de organizar um livro interessante e instrutivo sôbre relações humanas no trabalho fabril.

A discussão gira em tôrno da fábrica como um sistema social, em cuja estrutura completa existem e agem mutuamente indivíduos e pequenos grupos. As forças e fatores, que operam para influenciar a situação do indivíduo e as complexas interrelações de pessoas, funções e grupos, são bem descritas.

Em seu uso pretendo de servir como compêndio didático sôbre relações industriais, o livro dará ao estudante uma visão realista do modo pelo qual o elemento humano se acha implícito em quase tôdas as situações e problemas industriais. Êsse quadro é apresentado com autêntico ambiente de fábrica e terminologia industrial, que lhe dão um aspecto de treinamento prático ou de orientação industrial.

Em um assunto, cujos vários aspectos se acham tão relacionados uns aos outros, é inevitável que haja divergências de opiniões quanto à disposição lógica da matéria. O presente comentarista, por exemplo, teria colocado no capítulo referente ao *Indivíduo na Estrutura* (VIII) parte da matéria contida no capítulo concernente à *Organização das Relações Industriais* (IX). Embora o livro se limite a servir apenas de compêndio didático para um curso de relações de pessoal, certamente merece o mais amplo uso como obra suplementar. Como tal, êle virá preencher uma procura, de há muito manifestada, por um livro de referência sôbre êsses importantes problemas.

Aquêles que militam em assuntos de pessoal não de considerá-lo um livro digno de ser lido e meditado, não só em virtude do quadro completo de relações humanas que apresenta, como também pelas astutas observações que contém, no tocante às relações entre o departamento do pessoal e os chefes de linha e seus subordinados.

Acha-se realçada a tarefa do departamento do pessoal em auxiliar o indivíduo a ajustar-se ao grupo. E' consagrado um breve trecho ao aconselhamento de pessoal, sa-